



Coopere
com o seu
dinheiro



 **SICOOB**
Instituto



**CONHECIMENTO
EM FOCO**

Coopere com o
seu **dinheiro**

INSTITUTO SICOOB



**CONHECIMENTO
EM FOCO**

SUMÁRIO

Princípios do Cooperativismo	7
Coopere com seu dinheiro.....	9
Consumo	11
Ato de poupar.....	16
Orçamento pessoal	23
Como lidar com dívidas	30
Introdução a investimentos	38





Antes de começar, temos algumas perguntas para você:

- a) Você controla seu orçamento de alguma maneira?
- b) Acompanha as entradas e saídas do seu dinheiro?
- c) Sabe dizer, na ponta da língua, qual o seu maior gasto?
- d) Caso receba salário, sabe dizer quanto é o bruto e o líquido?
- e) Se tiver negócio próprio ou familiar, separa as contas pessoais das do negócio?

Aproveite, então, para pensar um pouco como você tem administrado seu dinheiro.



Se não estiver satisfeito, troque ideias com pessoas de confiança, para descobrir formas melhores de cuidar do seu orçamento. No próprio Sicoob, e sobretudo nesta cartilha, você também pode encontrar boas orientações.

Afinal, dinheiro suado merece os melhores cuidados, certo?

Bons estudos!



Princípios do Cooperativismo

O **COOPERATIVISMO** é o maior movimento social do planeta.

É uma filosofia, uma forma de pensar e agir que possibilita realizar em conjunto aquilo que não se pode, ou não se consegue, fazer sozinho. Pressupõe a crença em valores e princípios humanísticos, de colaboração, em que a união promove uma melhor qualidade de vida para todos.

O Cooperativismo está fundamentado em **07 princípios** que descrevem seus valores e objetivos, todos eles de acordo com a realidade do mundo atual.

O Instituto Sicoob

É o principal difusor das atividades de responsabilidade cidadã do Sicoob, alavancando as ações sociais das cooperativas associadas e prezando pela prática efetiva do 5º e 7º princípios.



- 01** **Adesão Livre e Voluntária:** aberta a todas as pessoas aptas a utilizarem seus serviços e assumirem responsabilidade como membros e voluntários.
- 02** **Gestão Democrática:** controlada por seus membros, os cooperados, que participam ativamente no estabelecimento de suas políticas e tomadas de decisão.
- 03** **Participação Econômica:** todos investem na cooperativa e participam dos resultados financeiros. São clientes e donos ao mesmo tempo.
- 04** **Autonomia e Independência:** como uma organização de ajuda mútua, é controlada por seus membros.
- 05** **Educação, Formação e Informação:** prepara seus membros, representantes eleitos e colaboradores para que contribuam com o desenvolvimento da cooperativa.
- 06** **Intercooperação:** atua em conjunto com outras cooperativas para fortalecer o movimento e atender com mais eficácia seus membros.
- 07** **Interesse e compromisso com a comunidade:** por meio de políticas aprovadas pelos membros, as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de sua comunidade.



Coopere com **seu dinheiro**

O dinheiro só é importante se servir como um meio de você alcançar seus sonhos. São eles que devem ditar sua vida financeira. Consumir de forma consciente, inteligente e com responsabilidade, sabendo que os recursos são limitados e que precisam ser bem administrados, é a melhor forma de alcançar metas, realizar sonhos e viver com mais tranquilidade, além de contribuir com a redução das desigualdades individuais e coletivas.

Ok, muito bom, mas se os sonhos são importantes e movem sua vida financeira, e o dinheiro é a ferramenta com a qual se pode concretizá-los, por que falamos tão pouco sobre ele? Vamos falar um pouco sobre dinheiro! Nem todo mundo gosta desse assunto, mas afinal, quem consegue viver sem dinheiro, não é verdade?

O dinheiro costuma ter diferentes significados para cada pessoa. Você já parou para pensar o que ele significa para você? Qual sentido você dá ao dinheiro? Gosta do seu estilo de administrá-lo, ou preferiria mudar alguma coisa?



Veja, agora, algumas maneiras como ele pode ser usado, e tente se identificar, quando for o caso. Quanto mais nos conhecemos, mais chances temos de fazer melhores escolhas.

- Você se planeja para gastar e guardar dinheiro?
- Sente que vive no sufoco o tempo todo, correndo atrás das contas?
- Costuma pedir ajuda a pessoas ou instituições para fechar o mês?
- Age mais por impulso e deixa para pensar depois?
- O dinheiro o controla, ou é você que o faz?
- Sente incômodo, porque às vezes pessoas o procuram para pedir empréstimos?
- E os sonhos? Qual o tamanho? São realizáveis? Tem ideia de como fazer isso?

Se quiser, faça algumas anotações, com a data, sobre tudo isso que você está pensando acerca da sua relação com dinheiro. É interessante ver como algumas ideias e sentimentos mudam com o tempo, enquanto outros, nem tanto.

As indagações propostas e as informações trazidas neste material pretendem, de forma prática, promover a reflexão sobre os hábitos do dia a dia que comprometem a renda, ao propor que você COOPERE com o seu dinheiro, organizando suas finanças e planejando o seu futuro. Esta proposta envolve redescobrir sonhos, definir passos para alcançá-los e sugerir parcerias estratégicas.

A cartilha tem três ênfases de aprendizado: orçamento pessoal, como lidar com dívidas e uma introdução a investimentos. Porém, lembre-se sempre de que o conhecimento é uma escada e que precisamos subir um degrau de cada vez. Por isso, antes de cair em cima dos três tópicos, passaremos por assuntos fundamentais para a compreensão destes. Começemos, então, refletindo sobre CONSUMO e sobre o ATO DE POUPAR.



Consumo

É a ação de usar bens e serviços. Isto inclui a compra de produtos, mas não se limita a ela, pois envolve o processo de uso do bem do início ao fim: comprar, usar e descartar.



Consumo

Onde você está gastando seu dinheiro?

Anote seus gastos por uma semana e avalie:

suas escolhas têm sido as melhores para você mesmo?

Vale a pena rever onde você vem gastando seu dinheiro – anotar seus gastos por uma semana já pode dar uma ideia inicial e, a partir daí, avaliar se suas escolhas têm sido as melhores para você mesmo.

Tenha em mente que o dinheiro é fruto direto do seu trabalho (ou dos seus responsáveis diretos). Nossa própria sustentação dentro da sociedade é vinculada a seu uso. Ele é, ao mesmo tempo, ferramenta para nossa subsistência (garantir o mínimo para sobrevivermos) e

ferramenta para alcançarmos nossos sonhos. Com isso, todo o esforço e suor que damos para ganhar nosso dinheiro, ao fim do mês, perde o sentido caso não o gastemos da maneira que **REALMENTE** queremos e precisamos.

Pare e pense

Você tem ideia de para onde vai o dinheiro referente a um dia do seu trabalho? Ele está indo para pagar por suas necessidades básicas (alimentação familiar, saúde, moradia, etc.)? Ele está sendo direcionado aos seus sonhos? Compare os gastos semanais que você anotou com o dinheiro que recebe por uma semana de trabalho. E agora? Não se assuste se estiver gastando mais com o refrigerante ou cafezinho diário e não com o que deveria. Afinal, o que é pior do que trabalhar para alcançar seus objetivos e descobrir que o seu maior vilão é a SUA forma de consumir?

Não é um costume geral parar para pensar sobre nosso consumo, ou para avaliá-lo. Por isso, adentremos agora no que significa consumo em si, visando organizar melhor suas ideias sobre o ato de consumir e auxiliar a construção de uma boa prática de consumo.

Adicione às reflexões já feitas este novo leque de informações a respeito do consumo e pense de novo: Como gasto o meu dinheiro? Sou consciente? Sou responsável? Sou inteligente? Você é realmente o dono dos seus próprios desejos e objetivos?

Através de informação, reflexão e prática, somos capazes de trazer à tona o que há de melhor em nós. Seja um bom consumidor. Melhore sua prática de consumo.



Quanto vale o seu dia de trabalho?

Divida o seu salário líquido (o que você ganha diminuindo os descontos em folha), por 21 dias úteis:



SALÁRIO BRUTO

R\$1,200.00



DESCONTOS

R\$200.00



SALÁRIO LÍQUIDO

R\$1,000.00

VALOR DO TRABALHO

$R\$1.000 \div 21 = R\$47,62$ por dia

Você pode calcular também o valor do seu trabalho por hora. Repita o mesmo procedimento, mas agora divida por 220 (horas médias trabalhadas por mês). Você chegará ao resultado de \$4,54 por hora.

Na Educação Financeira, há diversas qualificações de consumo que são utilizadas para destacar aspectos específicos desse assunto amplo:



Consumo consciente

Decisão de consumo praticada por um indivíduo que leva em conta as consequências socioeconômicas e ambientais de seus atos.

A busca por produtos e serviços disponíveis nos mercados usuais deve ser repensada, dando preferência a bens produzidos de maneira ambientalmente sustentável.

Além disso, evitar a produção excessiva de lixo, ficar atento ao desperdício e prezar pela sustentabilidade socioeconômica de longo prazo são deveres de todos nós, cidadãos.



Consumo responsável

Decisão de consumo praticada por um indivíduo que para e pondera sobre o que vai consumir, quando o fará, a que preço, e quais os impactos disso sobre a natureza, a sociedade e a sua qualidade de vida.

Para trocar de celular, por exemplo, é preciso refletir sobre a real necessidade da troca; se o momento é favorável; se o preço é justo; se há mais lugares para pesquisar; se existe outra prioridade no momento; o que fazer com o aparelho antigo; etc.

Ao responder a essas questões e a outras, nós cuidamos não só do nosso bem-estar, mas do de toda a sociedade.



Consumo inteligente

Decisão de consumo praticada por um indivíduo que leva em conta suas necessidades reais e compatibiliza seus desejos e sua condição financeira, objetivando conseguir a maior satisfação possível ao menor custo.

A compra de roupas e outros produtos similares é uma necessidade. Porém, consumir esses produtos “de marca” é uma decisão que tem que ser tomada prezando por nossas prioridades, nosso bem-estar emocional e nossa estabilidade financeira – adiamos o consumo em prol do equilíbrio financeiro.





Consumismo

Comprar de maneira impulsiva, desenfreada, exagerada, desequilibrada, desnecessária e não pensada ou planejada.

É claro que nem tudo é um mar de rosas. Aproveitando-se da ausência de Educação Financeira na sociedade e dificultando a construção de uma prática de consumo saudável, o **CONSUMISMO** é um dos principais vilões que precisam ser enfrentados hoje. Não se preocupe, esse é um problema e preocupação presente na vida atual de todos os indivíduos, independentemente da classe social.

Nós sempre sentimos uma sensação de falta, parece que nunca estamos completos... É assim com todo mundo e, se a gente não ficar atento, essa inquietação e sentimento de vazio podem acabar empurrando para uma tentativa de satisfação por meio de um consumo desenfreado.

Do outro lado, a coisa só complica, já que a publicidade e o marketing formulam anúncios justamente com a finalidade de induzir ao consumismo: aproveitar nossa vulnerabilidade para oferecer tentações e ilusões, vendendo a ideia de que, ao comprar este ou aquele produto, vamos encontrar satisfação completa e duradoura.

Só que não devemos cair nessa tentação, certo? Quando compramos por impulso, sem precisar, pode até haver um alívio na hora, uma alegria ao realizar a compra, mas, frequentemente, tudo isso passa pouco depois, e fica apenas o arrependimento – e o buraco na conta bancária!



Ato de **poupar**

Ao refletirmos sobre nosso hábito de consumo e ao colocarmos em prática a conscientização, a responsabilidade e a inteligência, diversas portas se abrem – discutiremos sobre isso mais a frente, quando tratarmos do orçamento pessoal. Por agora, ressaltaremos um posicionamento importante, que está diretamente ligado aos resultados de nosso padrão de consumo bem estruturado: o ato de poupar dinheiro.



Por que será que as pessoas poupam dinheiro?

Vamos supor que alguém acabou de se dar de presente um celular novinho, de última geração. A pessoa fez uma excelente pesquisa de mercado até descobrir o melhor preço para o modelo que gostaria. Além disso, também se certificou de que a loja parcelava em 10 vezes sem juros no cartão de crédito.

No primeiro mês, tudo correu bem. No segundo, melhor ainda. Um dia, chegando o terceiro mês desde a compra, ela estava no ônibus distraída escutando música com seu fone de ouvido e com o aparelho apoiado em cima da mochila. De repente, sem sentir, ela pegou no sono! Depois de 20 minutos de viagem, ao acordar do cochilo, seu celular não estava mais lá.



Sim, alguém furtou o celular novo. E agora? O que ela faz? E você, o que faria? Esperaria o término dos 10 meses para comprar outro?

É fato que atualmente não existe essa de ficar sem celular por muito tempo. Não importa se as pessoas estão se endividando ou não. A realidade é que, no caso descrito, o mais provável é que a pessoa continue pagando as prestações do aparelho roubado, adquirindo um novo celular antes de quitar a dívida já pendente. Por isso, ela passará pelo menos mais seis meses pagando por dois produtos praticamente idênticos, mesmo que isso vá contra sua atual realidade financeira.

Estamos sujeitos a acontecimentos semelhantes a esse a todo o momento. As situações podem ser graves, como perder o emprego de um dia para outro sem aviso prévio; ou banais, como sair de casa sem guarda-chuva, sob um sol escaldante, e voltar encharcado ao fim do dia. Esse emaranhado de possibilidades resume o primeiro dos dois principais motivos pelos quais as pessoas poupam dinheiro: a **INCERTEZA**.

A vida é absolutamente incerta. A única certeza que podemos ter é a de que, em um momento desconhecido, de maneira inesperada, de forma surpreendente, contra todas as possibilidades, na pior hora possível, algum imprevisto nos vai pegar desprevenidos e nos dar uma rasteira. A incerteza ao nosso redor é tão devastadora que ela chega a ser imensurável. Não sabemos todos os cenários possíveis que podem acontecer em nossas vidas, e por isso não podemos medir quais as chances de qualquer um deles ocorrer, a qualquer tempo.

Se você já é gabaritado na escola da vida, sabe bem do que estamos falando. Caso ainda seja um jovem em formação, fique certo de uma coisa: a vida obriga a pessoa muito mais a se adaptar aos imprevistos que aparecem de tempos em tempos do que a seguir um plano continuado por muito tempo.

Dito isso, você poderia argumentar: ok, as pessoas poupam porque a vida é incerta e todos precisam de dinheiro reservado em casos de imprevistos ou emergências; porém, se tudo se resume a lidar com essas situações, de que adianta nos planejarmos para o futuro?

É aí que entra o segundo motivo pelo qual as pessoas poupam: para aproveitar **OPORTUNIDADES**.

Nem sempre esses imprevistos são negativos. Outro fator que decorre da incerteza é o fato de que também estamos sujeitos a encontrar boas oportunidades de realizar nossos objetivos, desejos e sonhos quando menos esperamos.

Por exemplo, você gosta e quer viajar eventualmente? Com dinheiro extra reservado, é muito mais fácil aproveitar promoções relâmpago, descontos especiais e até mesmo estender uma estadia já reservada. Você gosta de barganhar? Pechinchar? É muito mais fácil negociar e argumentar por um desconto em produtos e serviços quando se tem dinheiro na mão. A legislação até induz a essa condição, isto é, o comerciante dar desconto para quem paga à vista. Você já pensou em abrir um negócio? Não importa apenas sua ideia ser brilhante; é necessário um dinheiro para começar sua iniciativa e mantê-la de pé até o lucro começar a entrar.

Por que poupar?

- Proteção contra INCERTEZAS
- Aproveitar OPORTUNIDADES



Mas não para por aí. A melhor oportunidade que o dinheiro poupado pode nos render é trabalhar a nosso favor. Abrimos mão de usá-lo no presente para usá-lo no futuro. O prêmio recebido por isso chega a nós via os investimentos que o dinheiro guardado nos permite realizar – é a chamada **TROCA INTERTEMPORAL**.

Troca intertemporal:

os temas dívida e investimento, que veremos em breve, nos ajudam a entender esse importante conceito da Educação Financeira:

Quando poupamos dinheiro e resolvemos investi-lo, estamos implicitamente abrindo mão de usar esse dinheiro hoje, no presente, em troca de usá-lo no futuro, com o intuito de receber um prêmio por nossa escolha. Do nosso ponto de vista, receberemos mais no futuro por abrir mão do hoje, pensando no amanhã. Do ponto de vista de quem tomou seu dinheiro emprestado, eles vão lhe pagar mais, no futuro, pela disponibilidade de utilizar os recursos que precisam hoje, no presente. É a decisão de adiar o consumo.

No caso das dívidas, a situação é análoga, mas agora somos nós os que precisam antecipar o uso de recursos. Quando compramos uma roupa no cartão de crédito, estamos escolhendo consumir hoje e pagar no futuro, no caso, daqui a um mês.

Nessa situação, se você pagar sua fatura em dia – e essa é a opção ideal –, não terá custo adicional algum em ter realizado essa troca intertemporal. Contudo, caso você fique endividado no cartão de crédito, o valor cobrado a mais é o preço por sua decisão de antecipar o consumo.

Todavia, só consegue investir quem consegue poupar. E para conseguir poupar, já vimos que o primeiro passo é estruturar um bom padrão de consumo. Então, vejamos agora como descobrir, planejar e avaliar nosso padrão de consumo e, assim, começarmos a poupar.



Poupar X Economizar e dicas

Antes de continuarmos, seguem algumas outras dicas para torná-lo um poupador, e também uma diferenciação importantíssima: poupar não é o mesmo que economizar.



Defina objetivos importantes

Trace planos que façam valer a pena os sacrifícios. Quanto mais forte for seu desejo, menor será seu sacrifício.



Faça poupança de maneira simples

Existe uma infinidade de técnicas, táticas e recomendações para se economizar dinheiro. Não adote nenhuma tática que você não domine e restrinja os limites de poupança àqueles em que você acredita que pode cumprir, ainda que com algum sacrifício.



Seja disciplinado

Pouco adiantará economizar no almoço e gastar no jantar. Ao final do dia você não terá poupado nada. Se você está disposto a atingir algum objetivo financeiro, saiba que precisará de tempo e disciplina. Escolha regras e parâmetros simples que sejam fáceis de ser acompanhados e seja fiel a eles.



Exatamente. De nada adianta economizar no almoço e gastar no jantar. Da mesma forma, de nada adianta frear os gastos ao longo do mês inteiro só para fechar no saldo positivo, e assim que o próximo mês começar, torrar tudo. Não confunda economizar com poupar.



Você
ECONOMIZA
quando...

Pesquisa preços e consegue ofertas melhores, conseguindo reduzir gastos com determinadas compras, por exemplo. Economizar é conseguir reduzir os gastos em uma despesa específica.



Você
POUPA
quando...

Faz gerar sobras financeiras. Ou seja, não adianta só deixar de gastar muito no almoço para gastar no jantar. Nesse caso, você só estaria redirecionando o gasto de um lugar pro outro, e não pouparia nada

Pode existir economia sem existir poupança!



Poupe no primeiro dia:

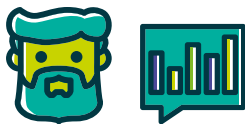
Não espere o final do mês para ver o quanto sobrar. A hora certa de separar o dinheiro para a poupança é no momento que você recebe. Seja qual for o valor ou percentual estabelecido, separe imediatamente aquela parte para seus investimentos, como se você não tivesse recebido aquele valor.



Resista às tentações:

Não permita que o dinheiro economizado seja desperdiçado. Evite mexer nas reservas para atender impulsos de consumo. Existem três fatores importantes para viabilizar o acúmulo de riquezas: o capital (seu dinheiro), a taxa de juros e o tempo. Não há dúvidas de que o tempo é o mais importante. Não interrompa investimentos antes da hora, e não deixe de fazer os aportes de recursos planejados. Saiba que, a partir de uma determinada taxa de juros, juntar R\$ 100,00 ao mês por vinte anos resulta um montante maior do que juntar R\$ 400,00 por dez anos, ou R\$ 1.000,00 por cinco anos. E convenhamos que é bem mais fácil separar algum dinheirinho todos os meses do que uma grande soma perto de quando você vai precisar.





Orçamento **peçoal**



Não se gerencia o que não se mede, não se mede o que não se define, não se define o que não se entende, não há sucesso no que não se gerencia.

William Edwards Deming



De início, tiremos logo algo do caminho: construir um orçamento pessoal ou doméstico, a princípio, não soa interessante, divertido ou legal para ninguém. Em Educação Financeira, é muito difícil elencarmos escolhas e decisões como certas ou erradas, pois todas dependem das pessoas envolvidas na situação, do contexto específico e das particularidades que temos que nos tornam únicos nesse mundo – ou seja, não existe fórmula pronta que se ajuste a todos. Por que, então, insistir nisso? Funciona da mesma maneira que os resultados de uma atividade física: de início, bate a preguiça, e no primeiro mês, vemos apenas o cansaço; porém, se seguimos adiante, com vontade e determinação, os resultados começam a aparecer, e os benefícios e melhorias em nossa qualidade de vida passam a estimular o caminho que resolvemos escolher.

Por isso, a partir de agora, daremos diversas sugestões de como proceder com a elaboração de um orçamento. A importância dele já ficou clara ao longo da cartilha: o fim último do dinheiro é proporcionar a realização dos nossos desejos e sonhos; para isso, precisamos ter controle sobre nosso dinheiro, para estarmos seguros contra imprevistos e para aproveitarmos as oportunidades; por fim, para que possamos poupar dinheiro para esses fins, ou para investir, precisamos melhorar nossa prática de consumo. E é exatamente isso que o orçamento nos permite fazer.



O **ORÇAMENTO** é uma maneira de, primeiramente, nos conhecermos. Fazemos isso através de organização, planejamento, motivação e disciplina.

Ele consiste em elencar, de um lado, tudo o que recebemos: nossas **RECEITAS**; e, do outro, tudo o que gastamos: nossas **DESPESAS**.

No Brasil, é de praxe que planejemos nossa rotina com base nos valores do salário mensal, então, geralmente, o orçamento é feito mensalmente. Não se esqueça de que qualquer controle pessoal precisa de um ponto zero. Então, para o primeiro mês de orçamento, tente usar os valores referentes ao mês anterior, ou então coloque aproximadamente a média do que ganha e gasta em meses convencionais.

Existem muitas, muitas, **MUITAS** maneiras de elaborar um orçamento. As mais comuns são em papel, em planilhas no computador e em aplicativos de celular. O ideal, sempre, é que atualizemos as informações diariamente. Contudo, não é da noite para o dia que nos tornamos os mestres da organização pessoal. Então, até para manter a motivação, podemos começar fazendo atualizações semanais, guardando sempre os comprovantes de saque de dinheiro e as notas e recibos fiscais, para evitar esquecimentos. Uma coisa é certa: a pior maneira de fazer um orçamento é deixar tudo a cargo da nossa própria cabeça!

O exemplo ilustrado é apenas uma sugestão de orçamento básico. Sinta-se livre para criar mais linhas de receitas e despesas, agrupá-las ou destrinchá-las da maneira que preferir, etc. A atualização do orçamento não pode ser um estorvo em sua vida, e é por isso que encorajamos que

o adaptem para melhor cumprir as SUAS necessidades. Caso a opção de atualizações semanais for a que mais o motiva, prossiga com ela.

	MENSAL	ANUAL
Receitas (Renda)		
Salário Líquido		
Comissão de vendas ou similares		
Mesada		
Benefícios (VR, VA, VT)		
Despesas		
1. Moradia		
2. Alimentação/limpeza		
3. Transporte		
4. Saúde		
5. Filhos		
6. Despesas Pessoais		
7. Lazer		
8. Despesas com parentes		
9. Pets		
10. Dívidas		
Saldo: Receitas – Despesas		

Todos nós recebemos dinheiro. Todos nós gastamos dinheiro. Logo, todos nós temos um orçamento, mesmo que não estejamos a par dele. A decisão é sua: você vai controlar seu orçamento ou vai virar refém do seu dinheiro?





Falando em necessidades, o orçamento é a melhor ferramenta que temos para analisar e ajustar o nosso padrão de consumo. Ele permite ver de perto se os gastos com cafezinho e refrigerantes diários superam nossas prioridades. Para facilitar essa percepção, tentemos separar nossos gastos entre **NECESSÁRIOS**, **SUPÉRFLUOS** e **DESPERDÍCIOS**.

Necessário: é o que não dá para viver sem, como despesa de moradia, alimentação básica, saúde etc.

Supérfluo: é o que dá para viver sem, como roupas de marca, relógios caros, sair todos os dias do final de semana etc.

Para que fique claro: ninguém vive sem lazer. Ir ao cinema, sair com os amigos, ir a uma festa, comprar um perfume mais caro, tudo isso faz parte da nossa vida e do nosso bem-estar. Contudo, se a situação está apertada, talvez seja melhor revisar a quantidade de idas ao cinema, procurar atividades de lazer mais baratas para os finais de semana, adiar a compra do perfume, etc. Além disso, tome cuidado: alimentação é necessário, óbvio, mas sair todos os dias para comer fora na hora do almoço ou sair para jantar fora todas as sextas e sábados não é estritamente necessário.

Desperdício: literalmente pegar o seu suado dinheiro, rasgá-lo e jogá-lo no lixo. Isso acontece quando saímos de um cômodo e deixamos as luzes acesas; quando deixamos a torneira aberta ao escovar os dentes; e principalmente quando pagamos juros abusivos de nossas dívidas – justamente pela falta de uma vida financeira saudável.

Então, o conselho que podemos dar é:

O necessário: ok, o nome já diz, mas cuidado para não o tornar supérfluo.

O supérfluo: reduza ou priorize o que mais o satisfaz em prol do equilíbrio financeiro.

O desperdício: ELIMINE

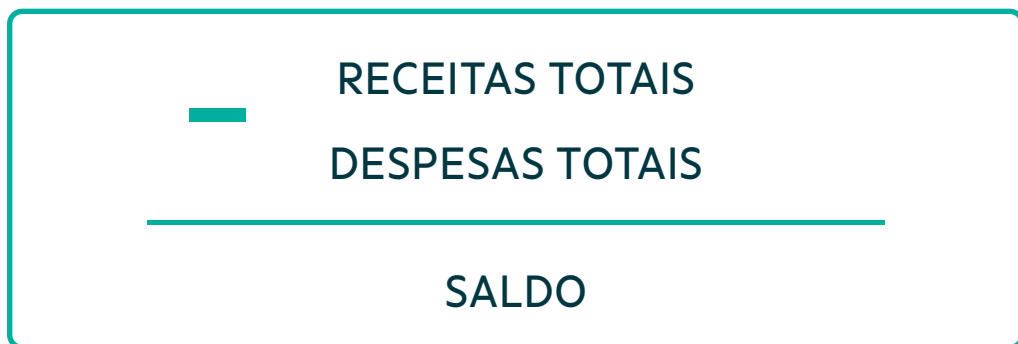


Existem maneiras de refinar ainda mais um orçamento. Uma dica boa é **AGRUPAR AS DESPESAS**: cinema, saída com os amigos, jantar fora, todos podem ser categorizados como lazer. Da mesma maneira, a luz, a água, o gás, a internet, e as demais contas também podem ser agrupadas. Ao fim do mês, com as despesas organizadas em grupo, é possível vermos ainda mais claramente para onde nosso dinheiro está indo.

Outra opção boa é dividir as receitas e despesas entre **FIXAS** e **VARIÁVEIS**. As fixas são aquelas que não mudam de mês em mês, como salário, para receitas, e aluguel, para despesas. Já as variáveis são aquelas que mudam de mês em mês, como comissão de vendas, para receitas, e lazer, para despesas. Alguns itens são discutíveis, como a conta de luz e água, que varia conforme o consumo, mas que em dado período de tempo podemos ter uma boa noção de nosso gasto médio. Então, mais uma vez, proceda da maneira que mais o satisfaz!!

Como avaliamos nosso posicionamento a partir do orçamento?

É bem simples. Estamos preocupados com o nosso **SALDO**, a diferença entre nossas receitas e despesas:



O objetivo, sempre, é que as receitas superem as despesas, retornando um saldo positivo. Nesse caso, você está mais perto de se tornar um investidor e/ou de atingir seus sonhos. Caso o saldo seja zero, você gasta exatamente tudo o que ganha, o que significa que sua saúde financeira está no limite; qualquer imprevisto que apareça poderá fazê-lo entrar no vermelho. Por fim, há o caso em que seu saldo já está negativo, ou seja, suas despesas superam suas receitas, o que indica que alguma medida deve ser tomada imediatamente, antes que você acabe em uma situação de dívida. Lembre-se, só há duas maneiras de estabilizar o orçamento no curto prazo: gerando renda extra, o que aumenta sua receita, ou reduzindo e cortando gastos, o que diminui suas despesas. Não é fácil conseguir renda extra tão rápido, pelo menos não tão fácil quanto ajustar seus gastos e rever seu padrão de consumo. Como diz o provérbio: “despesa é que nem unha, sempre cresce. Por isso, você precisa sempre cortá-la”. Então, mãos à obra!

Além de todas essas dicas, que tal fazer agora um checklist rápido para ver como anda sua relação com o dinheiro?

Marque as alternativas abaixo que melhor descrevem como você se sente diante do dinheiro – e da falta dele também.

<input type="checkbox"/>	Não dou muita bola para coisas materiais.
<input type="checkbox"/>	Uso o dinheiro para impressionar e influenciar outras pessoas.
<input type="checkbox"/>	Meu valor está dentro de mim – mas comprar aquele celular bacana também ajuda a mostrar meu valor...
<input type="checkbox"/>	Sinto-me motivado(a) a ir à luta, a cada dia, para construir o melhor para minha família.
<input type="checkbox"/>	Para mim, dinheiro é o que ele pode fazer.
<input type="checkbox"/>	Gosto de ostentar.
<input type="checkbox"/>	Sempre tenho que guardar dinheiro, mesmo que não saiba bem para quê.
<input type="checkbox"/>	Quando sinto ansiedade, procuro me acalmar comprando coisas.
<input type="checkbox"/>	Vivo pensando em dinheiro.
<input type="checkbox"/>	Quando fico sem dinheiro, procuro manter a calma para encontrar saídas para essa situação.
<input type="checkbox"/>	Desconfio que as pessoas possam estar querendo pegar meu dinheiro.
<input type="checkbox"/>	Sou meio desorganizado(a) e acabo pagando as contas atrasadas, mesmo quando tenho dinheiro.
<input type="checkbox"/>	Costumo guardar uma parte do que ganho todo mês.
<input type="checkbox"/>	Ter pessoas dependendo financeiramente de mim é um peso grande.
<input type="checkbox"/>	Para mim, vale aquela “quem não deve, não teme.”
<input type="checkbox"/>	Sempre dou dinheiro a quem me pede, e procuro ajudar todo mundo.
<input type="checkbox"/>	Gosto de jogar em loterias, e nunca fiz o cálculo de quanto já gastei com isso na vida.
<input type="checkbox"/>	Adoro pagar as rodadas no bar para os amigos.
<input type="checkbox"/>	Dinheiro não é a coisa mais importante na vida, para mim.
<input type="checkbox"/>	Vira-e-mexe, eu brigo, em casa, por causa de dinheiro.
<input type="checkbox"/>	Dinheiro me proporciona satisfações.
<input type="checkbox"/>	Não ter que pagar prestações me dá alívio.
<input type="checkbox"/>	Pensar no futuro me dá medo, porque não sei se terei dinheiro suficiente para viver.



Como lidar **com dívidas**

O que são os juros e como funcionam?

Os juros podem ser entendidos por dois ângulos. Vejamos o primeiro, quando ele funciona como o aluguel pago pelo uso do dinheiro. Eles podem ser excelentes em nossas vidas (quando somos investidores ou credores) ou tenebrosos (quando somos endividados ou devedores). Os juros são justamente o prêmio recebido ao investir e o valor cobrado a mais ao se endividar – é ele que permeia e traz sentido à troca intertemporal.

Tanto na área de investimentos quanto na área de concessão de crédito, a informação mais comum que dispomos é o valor dos juros mensais (0.5% ao mês, por exemplo) ou anuais (6.17% ao ano, por exemplo).

Para ficar claro, vamos supor que você é um exímio poupador e resolveu deixar suas reservas na caderneta de poupança da sua instituição financeira. Em média, a caderneta de poupança rende 0.5% ao mês, ou 6.17% ao ano. Vejamos qual seria sua situação caso colocasse R\$2.000,00 na caderneta de poupança em janeiro desse ano e resgatasse o valor em janeiro do ano seguinte:

VALOR INICIAL	MÊS 1	MÊS 6	MÊS 12
\$2.000	\$2.010	\$2.060,75	\$2.123,35

Nesse caso, os juros foram seus aliados: você recebeu R\$123,35 por ter deixado seu dinheiro guardado na caderneta de poupança por 12 meses.

Primeiro, tiremos algo importante do caminho: as dívidas não são ruins por definição. O real problema são as dívidas acontecerem em desacordo com o nosso planejamento e, principalmente, saírem do nosso controle.

Quando avaliamos bem a situação, ponderamos os prós e contras de contrair uma dívida e decidimos seguir em frente, estamos tomando decisões conscientes e voltadas ao nosso bem-estar. Por exemplo, o financiamento de um imóvel após pesquisar bastante o mercado.



Antes de falarmos sobre como lidar com as dívidas, é importante situar alguns grandes erros que indivíduos e famílias cometem em relação ao uso das principais modalidades de crédito acessíveis à população: o cartão de crédito e o cheque especial.



Cartão de crédito

Pode ser um grande aliado na hora de adquirir bens de valor final alto, como eletrodomésticos, mas também pode se tornar um inimigo problemático. Os principais sinais de que o cartão de crédito está saindo do controle podem ser verificados quando seu uso substitui a aquisição de produtos que antes eram função do débito ou dinheiro: lanches no shopping, entrada do cinema, peças de roupa básica etc. Outro sinal é quando as faturas ainda estão conseguindo ser pagas, mas agora todo o dinheiro que você recebe no mês está direcionado ao pagamento delas. Ou seja, você está utilizando seu cartão de crédito como se fosse um débito. Assim que entra o dinheiro na conta, ele vai imediatamente para o pagamento das

faturas. Isso demonstra pouco controle sobre o orçamento e é o prenúncio de situações catastróficas – você está antecipando cada vez mais o seu consumo. Basta um gasto inesperado ou um imprevisto para derrubar seu equilíbrio financeiro.



Cheque especial

Segue a mesma linha do cartão de crédito. Pode ser benéfico ou maléfico. O cheque especial existe para ser usado em situações de emergência. Só temos acesso a ele quando nosso dinheiro em conta corrente está completamente zerado. Usado com parcimônia, ele é excelente para lidar com imprevistos muito sérios, pois é um dinheiro ao qual temos acesso facilmente. Porém, o principal problema é que as pessoas têm a falsa impressão de que aquele dinheiro disponível para uso pertence a elas. Não. O cheque especial não é seu! O dinheiro disponível é da instituição financeira! Ele configura o que chamamos de crédito pré-aprovado, ou seja, é um dinheiro ao qual o cliente tem acesso sem ter que avisar ou pedir permissão prévia à instituição financeira.

O que ocorre em diversas famílias é a incorporação do cheque especial ao seu orçamento. Isso acarreta em complicações diversas, mas a pior de todas é o fato da pessoa passar a depender do dinheiro do cheque especial para chegar ao fim do mês, às vezes sem nem perceber que existe um problema estrutural na sua vida financeira; além disso, com o dinheiro adicional, as famílias começam a estruturar seu padrão de consumo acima de suas reais capacidades de pagamento, o que dificulta no restabelecimento do equilíbrio financeiro – acostumam-se, por exemplo, a gastar mais no supermercado do que poderiam, a comer mais vezes fora de casa etc. Tanto no cartão de crédito quanto no cheque especial, esses dois instrumentos têm os maiores custos em termos de juros para os tomadores. Há outras opções mais favoráveis, como o Consignado e o Crédito Direto ao Consumidor.



Ressaltados esses dois perigos, vejamos agora:

como lidar com as dívidas?

Se você gasta mais do que ganha, a relação entre receitas e despesas no seu orçamento doméstico certamente se mostrou desregulada. E agora? Comece por reduzir as despesas. Rever hábitos simples, como demorar menos no banho, para reduzir o consumo (e custo) da água e economizar energia elétrica têm garantia de resultado e contribuem não somente para o seu bolso, mas para toda a sociedade.

Marque o valor atual da despesa que pretende reduzir – por exemplo, a conta de luz. Deixe esse valor em local visível, como a porta da geladeira, junto com o prazo para tentar atingir o objetivo. Se virar uma espécie de jogo ou brincadeira, vai ser mais fácil para você e até sua família aderir, e a situação fica mais leve também. No dia final, verifique o novo valor, e marque também, de preferência, sob a forma de uma subtração: o 1º valor deveria ser mais alto do que o 2º, obtido depois da ‘campanha de economia’. Se for esse o caso, comemore e incentive – todos que colaboraram ganham uma estrelinha, quem colaborou mais ganha o direito de escolher o cardápio de domingo, ou outras recompensas que a família escolher. Se não aconteceu a redução, transforme numa investigação de detetive: por que a conta não baixou? O que teria acontecido? Quem descobrir o ‘mistério’ ganha prêmio também e, a partir da identificação

do problema, começa nova rodada de "campanha de economia". Você também pode usar esse formato para todas as dicas a seguir:

- Pesquisar prestadoras de serviços como de telefonia, TV a cabo, Internet. Com a forte concorrência estabelecida no mercado, você encontra pacotes mais vantajosos;
- Pesquisar preços, até mesmo para as despesas básicas, como o supermercado;
- Adquirir produtos de qualidade (lembre-se da máxima "o barato sai caro");
- Cortar ou reduzir gastos em excesso, como serviços e/ou bens de luxo, os considerados supérfluos, como as festas recorrentes;
- Desfrutar opções de lazer que não requerem investimentos, como uma caminhada ao ar livre apreciando a natureza e conhecer os dias de desconto no cinema;
- Antecipar as compras para as datas comemorativas, aproveitando as promoções no mercado;
- Manter equipamentos desligados quando não estiverem em uso;
- Controlar o impulso consumista;
- Ensinar as crianças como ganhar, usar e poupar recursos.

Para reconquistar o equilíbrio, avalie a situação financeira, colocando no papel todas as dívidas e o seu patrimônio. Priorize o pagamento das dívidas que contêm uma garantia, como o financiamento da casa ou carro; e os gastos domésticos básicos. Pague aquelas que têm os juros mais altos. Estabeleça um plano para conseguir quitar as dívidas. Se necessário, procure a ajuda de um profissional.



Que tal vermos agora os juros jogando contra nós?

Vejamos agora a outra face do juros: quando ele age como o custo do dinheiro. Vamos supor que você gastou demais no Natal passado e sua fatura do cartão de crédito em janeiro veio R\$2.000,00. Você tinha outras pendências para resolver, e por isso resolveu projetar o valor dessa dívida ao longo do tempo, para ver se deveria lhe dar prioridade. Enquanto a caderneta de poupança, modalidade de investimento mais conhecida pela população, rende em média 0,5% a.m., os juros do cartão de crédito, modalidade de crédito mais conhecida e usada pela população, cobra juros muito mais altos.

Vejamos a projeção abaixo, considerando juros de 13% a.m.:

VALOR INICIAL	1 MÊS	6 MESES	1 ANO	2 ANOS	3 ANOS
\$2.000	\$2.260	\$4.163,9	\$8.669.04	\$37.576,18	\$162.874,82

Como fica evidente, é indiscutível o tamanho do problema que uma dívida no cartão de crédito pode ocasionar. Depois de 3 anos, a dívida do Natal chegou ao preço de uma casa própria. São as chamadas dívidas bola de neve. Nesse caso, é ainda menos aconselhável pagar o mínimo da fatura do cartão. Deixe a dívida rolar e comece a juntar dinheiro. Assim que tiver juntado uma quantia razoável, vá conversar com sua instituição financeira e tente negociar um congelamento da dívida, prestações que caibam no seu bolso e diminuir o montante final a ser pago com a quantia que você juntou sendo usada como entrada. É uma sensação horrível, e nem sempre a instituição vai acatar os seus desejos. Nunca entre nessa situação.

Participação dos mais jovens



Duas coisas bem distintas: uma é o preço, outra o valor. Quem não entende a diferença, pouco saberá da dor.

El efecto, 2012, adaptada



Uma dúvida que pode surgir com alguma frequência: a partir de que idade as crianças e os jovens podem ou devem começar a ficar cientes da realidade financeira familiar, acompanhando a caminhada e participando das discussões?

Se você é o jovem dessa situação, a dica é participar da vida financeira da sua família o quanto antes. Estabelecer uma boa relação no lar sobre o assunto dinheiro fará com que você tenha uma perspectiva melhor do que a vida vai ser no futuro, além de melhorar sua empatia com seus responsáveis e mostrar amadurecimento. Já no caso da família, devem-se analisar algumas coisas, mas, em primeiro lugar, fica o recado: não subestimem as crianças e os jovens!

Refleta: a criança manifesta desejo e interesse em participar dessa conversa?

Se sim, pode ser até antes dos 5 anos, por exemplo. E, caso participe, vale escutar suas dicas que, às vezes, podem ser interessantes e criativas.

Se for mais velha, até cerca de 10 anos, e não quiser, ou se recusar a participar, não vai adiantar forçar. Depois, deverá ser comunicada sobre o que a família decidiu sobre as contas da casa, mas, nesse caso, não pode mais ‘palpitar’ – se quiser discutir a respeito, daí tem que participar da próxima conversa!

Acima de 10 anos, deve ser apontada a importância da participação do jovem, mas sem se tornar uma imposição. Quanto mais o tom da conversa for de troca de ideias e construção conjunta de soluções, mais atraente pode se tornar.

Outro fator ainda mais importante é a transparência dentro de casa. Nem sempre os responsáveis têm a consciência de que a criança e o jovem devem participar e estar cientes da vida financeira em seu lar. Não importa a condição social da família, é fundamental conscientizar os mais novos sobre o que o dinheiro representa.

Caso a situação esteja complicada, e você tenha vergonha ou medo de compartilhar, pense que o apoio e a compreensão dentro de casa são essenciais, além de servirem como motor e ânimo para a resolução de problemas financeiros; caso a situação esteja boa, ou até mesmo excelente, perceba que a existência de abertura e transparência quanto aos gastos de casa ajuda a criar jovens conscientes em relação ao real valor do dinheiro e de seus bens, e à realidade familiar.

Publicidade infantil

A principal referência de comportamento das crianças sempre será os pais ou responsáveis. Mas, num mundo tão conectado e com tantas fontes de informação como o atual, há estímulos vindos de influenciadores digitais em vídeos on-line e até em mídias tradicionais, como a televisiva, que fomentam maus hábitos em relação ao dinheiro, com práticas que levam ao consumismo e ao materialismo ainda durante a infância, o que pode acarretar problemas como baixa autoestima e ansiedade.

A publicidade infantil no Brasil é regulada pelo Código de Autorregulamento Publicitário, também aparecendo na Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Código de Defesa do Consumidor, portarias da ANVISA e no Código de Ética da Publicidade. Todavia, o acompanhamento dos pais ou responsáveis checando os conteúdos visualizados é indispensável. O interesse familiar nos assuntos que os jovens consomem ao longo de sua formação trazem sentimento de carinho e compreensão e, principalmente, ajudam a coibir a influência negativa de propagandas agressivas e de influenciadores que se aproveitam da ingenuidade infantil para agir de má fé e em benefício próprio.



Introdução a **investimentos**

Muito bem. Se você colocou em prática tudo o que conversamos, é provável que esteja no momento revisitando este material para, enfim, conhecer o que é necessário para se tornar um investidor e como navegar nesse mundo. Em primeiro lugar, tiremos mais uma coisa do caminho: não existe “o melhor” investimento. Existem diversas aplicações financeiras disponíveis, e cabe inteiramente a você, investidor, decidir quais delas atendem aos seus propósitos e desejos.

Esta seção introduz os princípios do investimento e apresenta as principais aplicações financeiras para quem está começando a entrar nesse mundo. De antemão, façamos uma diferenciação que aparecerá bastante no seu radar caso sua empreitada nesse universo continue:



Renda fixa

Significa que, ao realizar a aplicação financeira, o investidor sabe exatamente o quanto vai ganhar OU sabe exatamente como será calculado seu ganho no momento do resgate (o momento em que o contrato da aplicação financeira chega ao fim e você recebe de volta seu dinheiro acrescido de juros). No caso em que sabemos exatamente quanto será a rentabilidade, os investimentos são chamados prefixados.

No caso em que não sabemos exatamente a rentabilidade, mas conhecemos sua regra de cálculo, são chamados pós-fixados.



Renda variável

Significa que, ao realizar a aplicação financeira, o investidor não faz ideia do que pode acontecer. Sim, os rendimentos dos investimentos de renda variável não são garantidos e nem conhecidos. Você pode ganhar muito. Você pode perder tudo. Como disse o filósofo: “Só sei que nada sei”. A aplicação de renda variável mais conhecida são as ações. Ao comprar uma ação, ela pode valorizar muito, ou perder quase todo o seu valor.

Como nossa intenção aqui é introduzir o tema investimentos, vamos nos ater aos investimentos de renda fixa. Essa diferenciação e escolha são importantes, pois ajudam a engatar em outro tema relevante, que diz respeito a como você se sente em relação a colocar seu dinheiro em alguma aplicação financeira.

Existem três categorias de investidores. São bem intuitivas, e servem mais para que você possa, num primeiro momento, refletir sobre qual das três mais encaixa com suas preferências e disponibilidade de recursos. As categorias são:



Conservador:

o investidor considerado conservador preza pela segurança e faz de tudo para diminuir o risco de perdas, aceitando, inclusive, uma rentabilidade menor.



Moderado:

o investidor considerado moderado procura equilibrar suas aplicações entre retorno e segurança, buscando uma mescla de opções de investimento seguras e algumas um pouco mais arriscadas.



Arrojado:

o investidor considerado arrojado preza principalmente pela rentabilidade, abrindo mão de boa parte da segurança para que seu investimento renda o máximo possível.

Como podem ser observadas, as categorias de investidores colocam na balança duas características das aplicações financeiras: rentabilidade e segurança. Reflita sobre sua atual situação financeira e veja qual classificação combina mais com suas pretensões e personalidade.

Essa divisão é realmente básica, e serve para chamar atenção para algumas características que sempre devem ser analisadas pelos investidores antes de tomarem suas decisões de investimento, ou para a comparação entre aplicações financeiras. Vejamos um pouco sobre elas:



Risco: Todas as aplicações financeiras estão sujeitas a algum tipo de risco. Ele pode ser alto ou baixo. O risco diz respeito à possibilidade de você perder dinheiro ao fim do período aplicado. Portanto, quanto menor for o risco, mais seguro é o investimento.

Retorno: Todas as aplicações financeiras geram rendimentos sobre o dinheiro aplicado. O retorno é o quanto você espera ganhar ao fim do período de aplicação. Note que o retorno é sempre esperado. Nem sempre é possível ter garantias concretas sobre ele. Portanto, quanto maior for o retorno, mais rentável é o investimento.

Liquidez: Todas as aplicações financeiras possuem um determinado grau de liquidez. Liquidez, em termos gerais, é o quão fácil é para você transformar sua aplicação em dinheiro para uso imediato. Liquidez é algo bom. Nunca se sabe quando precisaremos de dinheiro na mão. Portanto, quanto maior for a liquidez, mais fácil é transformar o investimento em dinheiro usável.

Todas as suas decisões de investimento devem passar sempre por uma análise do chamado **TRIPÉ DE DECISÃO: RISCO, RETORNO E LIQUIDEZ**. O box ilustra, em linhas gerais, o que significam esses três conceitos. Por um lado, temos o risco, que é algo negativo, ou seja, quanto maior o risco, maior as nossas chances de perda. Por outro lado, temos o retorno e a liquidez, que são positivas, ou seja, quanto maior o retorno e a liquidez, maiores os nossos ganhos esperados e nossa facilidade em obter de volta o dinheiro aplicado em nossas mãos. Portanto, essas três características SEMPRE têm que ser pesadas antes que tomemos qualquer decisão de investimento.

Não existe opção de investimento perfeita, ou seja, uma aplicação que garanta, ao mesmo tempo, baixo risco (ou alta segurança), alto retorno e alta liquidez. É muito importante ficar de olho aberto às propagandas enganosas, principalmente aquelas que apelam para o lado emocional do consumidor.

As aplicações financeiras, então, sempre vão estar balanceadas de acordo com o **TRIPÉ DE DECISÃO**. Se lhe oferecem uma opção com baixo risco e alta liquidez, é extremamente provável que seu retorno seja baixo quando comparado a outras disponíveis. Analogamente, se lhe oferecem um produto de alto risco e baixa liquidez, é impreterível que seu retorno seja alto.

Estar ciente do **TRIPÉ DE DECISÃO** vai ajudá-lo não apenas a delimitar melhor quais aplicações realizar, mas também a identificar e a evitar a má fé presente em algumas ofertas. Como exposto no parágrafo acima, se a instituição oferece uma opção de alto risco e baixa liquidez, você precisa exigir retorno mais alto. Não se precipite, busque sempre informação e estude as opções disponíveis para não ser enganado por ofertas ou por promoções “milagrosas”.

Então, resumindo o que vimos até agora: os investimentos podem ser classificados como de renda fixa ou renda variável, sendo que os de renda fixa são mais indicados para iniciantes; os investidores podem ser categorizados em três perfis, de acordo com suas pretensões; e os investimentos devem ser analisados sempre a partir do **TRIPÉ DE DECISÃO: RISCO, RETORNO E LIQUIDEZ**.

Por fim, vale a pena ter em mente algumas características comuns dos investimentos em geral. Eles necessitam de algum intermediador entre o investidor e a aplicação financeira. Essa intermediação é feita por instituições financeiras que, em geral, cobram taxas pelo exercício desse serviço. Além disso, boa parte das aplicações financeiras estão sujeitas a tributação – sobre o rendimento gerado, eximindo o valor inicial. Chamamos o rendimento antes de descontar os tributos de rendimento bruto e o rendimento após os descontos dos tributos de rendimento líquido. Sempre estamos interessados no rendimento líquido, que é de fato o quanto vai para o nosso bolso.



FGC e FGCoop:

Visando proteger o pequeno poupador e investidor, permitindo que ele recupere recursos mantidos em uma instituição financeira quando esta sofre intervenção, liquidação ou falência, certas aplicações são parcialmente garantidas pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC), no caso de aplicações em bancos, ou pelo Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop), no caso de aplicações em cooperativas de crédito. Os fundos garantem o ressarcimento de R\$250.000,00 por investidor e por instituição financeira, até um máximo de R\$1.000.000,00. Isso significa que, caso você tenha aplicações em duas instituições distintas, ambas sob o seu CPF, você terá a garantia de R\$250.000,00 em cada uma delas. Entretanto, caso você tenha cinco aplicações de R\$250.000,00 em cinco instituições distintas, todas sob o seu CPF (totalizando R\$1.250.000,00), apenas R\$1.000.000,00 estará garantido. Entre os depósitos e aplicações protegidas, destacam-se: depósitos à vista (conta corrente), depósitos de poupança (conta poupança ou caderneta de poupança), depósitos a prazo, CDBs, RDCs, LCIs e LCAs.



Credor: aquele que empresta recursos.

Devedor: aquele que toma emprestado recursos.

Vejamos, agora, as aplicações de renda fixa mais populares, e também as ações, a principal aplicação de renda variável.

Caderneta de poupança

A caderneta de poupança é a modalidade de investimento mais conhecida pela população brasileira, e a mais aderida. Para aplicar na caderneta de poupança, a pessoa deve possuir uma conta poupança em uma cooperativa de crédito ou em um banco comercial. O dinheiro aplicado na poupança rende mensalmente, exatamente no dia do mês em que foi depositado. É o chamado “dia de aniversário” da caderneta de poupança. A dica é você retirar sempre no “dia de aniversário” de qualquer mês. Se você retirar um dia antes, não receberá o rendimento daquele mês.

A caderneta de poupança é a aplicação financeira com mais liquidez no mercado, porque apenas com o aplicativo da sua instituição no celular é possível transferir o dinheiro da conta poupança para a corrente e utilizá-lo imediatamente ou sacar, diretamente, na agência/posto da instituição em que a conta foi aberta. Ainda mais, a poupança apresenta baixo risco, porque é garantida pelo FGC ou FGCoop, respeitando o limite mencionado anteriormente. Como você já deve ter imaginado, se a poupança tem alta liquidez e baixo risco, é improvável que seu retorno seja alto. Normalmente, é a aplicação de menor retorno esperado no mercado, circundando a faixa dos 0.5% a.m. (6.17% a.a.).



Por sua natureza, a caderneta de poupança não possui tributação. Para mais informações sobre a caderneta de poupança, acesse o site do Banco Central do Brasil.

Títulos públicos federais

A aplicação em Títulos Públicos Federais é uma modalidade que tem crescido bastante no Brasil. Basicamente, para financiar sua dívida (a chamada dívida pública) e exercer suas funções (prover saúde, educação, infraestrutura, etc), o Governo Federal, através do Tesouro Nacional, oferta contratos que prometem, ao fim de determinado período, certa rentabilidade. Existem diversas modalidades de títulos que abarcam opções do curto ao longo prazo.

A transação dos títulos é feita pela plataforma do Tesouro Direto, pertencente ao Tesouro Nacional. Para movimentar os títulos, você precisa de uma conta aberta em uma corretora, instituição financeira responsável pela intermediação.

Em relação ao risco, podemos dizer que os Títulos Públicos são os investimentos mais seguros do mercado, pois sua rentabilidade é garantida diretamente pelo Governo Federal (via Tesouro Nacional). A liquidez dos títulos públicos é razoavelmente alta. O Tesouro Nacional permite que você venda diariamente (dias úteis) seus títulos, e o prazo para que o dinheiro volte a sua conta é de um dia útil. O retorno varia de acordo com os títulos, mas em geral é bem razoável, podendo ser mais alto ou mais baixo de acordo com a conjuntura econômica. Porém, tome certo cuidado, pois o rendimento contratado só é garantido se você levar o título até o prazo de resgate acordado.

Caso decida vender antes, você venderá ao preço do dia (chamado preço de mercado). Isso sempre garante que você terá mais dinheiro do que no início, mas sua rentabilidade no momento da venda pode ser tanto maior quanto menor do que a contratada. A principal vantagem da aplicação em Títulos Públicos, além da segurança, é sua acessibilidade, pois não há valor mínimo de aplicação.

Os títulos mais populares são o Tesouro Selic, o Tesouro IPCA+ e o Tesouro Prefixado. Esses títulos também são conhecidos como Letras Financeiras do Tesouro (LFT), Notas do Tesouro Nacional – série B Principal (NTN-B Princ) e Letras do Tesouro Nacional (LTN), respectivamente.



Não se assuste.

O Tesouro Selic e o Tesouro IPCA+ são investimentos de renda fixa com taxas pós-fixadas. O primeiro tem sua regra de cálculo atrelada à taxa Selic, os juros básicos do Brasil; e o segundo ao IPCA, índice de inflação oficial utilizado na economia – ou seja, você não sabe exatamente quanto será a taxa Selic ou o IPCA dentro de 1 ano, por exemplo, mas sabe que seus ganhos estão atrelados a esses indicadores. Já o Tesouro Prefixado, como diz o nome, é um investimento em renda fixa com taxa prefixada – no momento da compra, você sabe exatamente o quanto ganhará. Encorajamos que você entre e conheça a plataforma do Tesouro Direto, que inclui explicações mais aprofundadas sobre os títulos disponíveis e diversas outras informações expostas de forma didática e acessível. Além disso, a plataforma também dispõe de um simulador para auxiliá-lo em seu processo de decisão. Não deixe de conferir!

Por fim, mas não menos importante, os Títulos Públicos estão sujeitos a tributações. As mais importantes são, em primeiro lugar, a taxa cobrada pela corretora para intermediar seu processo de investimento, a chamada taxa de corretagem. O Tesouro Nacional disponibiliza uma lista de instituições financeiras habilitadas a atuar na intermediação. Dê uma conferida, e repare que muitas delas cobram 0.0% de corretagem. Existe uma taxa, chamada de taxa de custódia, que precisa ser paga anualmente à B³, a Bolsa de Valores, no valor fixo de 0.2% do valor dos títulos ao ano. Não se preocupe, a taxa é cobrada em duas parcelas, no primeiro dia útil de cada semestre, e o valor é descontado automaticamente da sua conta na corretora.

A outra tributação é o Imposto de Renda regressivo sobre o rendimento do título, variando de 22.5% a 15% de acordo com o tempo que você deixa o título rendendo:



22.5%	até 180 dias ;
20%	de 181 a 360 dias ;
17.5%	de 361 a 720 dias ;
15%	acima de 720 dias .



RDC (Recibo de depósito cooperativo) **ou CDB** (Certificado de depósito bancário)

Análogo aos títulos públicos, os RDCs, no caso de cooperativas financeiras, e os CDBs, no caso de bancos comerciais, são títulos privados de instituições financeiras que visam à captação de recursos internos. Essa modalidade de investimento é direcionada à captação de recursos a médio e longo prazo por parte do ofertante (mínimo de 1 ano, geralmente). Por isso, apesar de ambas permitirem que o investidor resgate seu dinheiro antes do prazo estabelecido, ou seja, possuem liquidez, esta vem a custo de um retorno menor do que o contratado – é uma “punição” ao investidor por ter resgatado o dinheiro antes do contrato findar, e também mais um estímulo para que o título seja carregado até o fim do prazo.

O risco dos RDCs e CDBs está principalmente na confiabilidade da instituição financeira. Então, procure conhecer bem a instituição antes de comprometer seu dinheiro. Existem RDCs e CDBs prefixados e pós-fixados, e o retorno depende, entre outras coisas, do montante mínimo pedido pela instituição e do prazo do contrato. Evidentemente, se o montante mínimo é alto, isto implica em você abrir mão de mais dinheiro no curto prazo, o que lhe permite negociar um rendimento maior. Da mesma maneira, se o prazo do contrato é longo, e como a captação idealmente visa que o investidor a carregue até o fim, isso também lhe permite negociar um rendimento mais alto.

Os RDCs são garantidos pelo FGCoop, enquanto os CDBs são garantidos pelo FGC – respeitadas as limitações já mencionadas. Ambos estão sujeitos a taxas de administração e ao Imposto de Renda regressivo, igual aos títulos públicos.



LCI (Letras de crédito imobiliário) **e LCA** (Letra de crédito do agronegócio)

As LCIs e LCAs são também títulos privados, assim como os RDCs e CDBs, mas são instrumentos que cumprem outros propósitos. Diferente dos títulos privados já comentados, ambos atuam como importantes viabilizadores de recursos para o mercado imobiliário e para o financiamento do agronegócio, respectivamente. Tanto as LCIs quanto as LCAs são comercializadas por instituições financeiras como cooperativas de crédito e bancos comerciais, e possuem lastro em créditos imobiliários e em recebíveis (promessas de pagamento) originados de negócios rurais, respectivamente.

Essas aplicações foram criadas para permitir que pessoas físicas pudessem fomentar os dois segmentos em questão, e por isso, dispõem de algumas regalias, principalmente tributárias. Não há incidência de Imposto de Renda sobre os rendimentos das LCIs e LCAs e ambas são garantidas pelo FGC e FGCoop, sempre respeitando as limitações já expostas. Em termos de risco, o principal continua sendo a confiabilidade da instituição financeira, assim como no caso dos outros títulos privados. Em termos de retorno, devido à isenção, são considerados investimentos de bom rendimento frente às demais opções de renda fixa – daí a sua popularidade. Em termos de liquidez, os prazos para resgatar o dinheiro antecipadamente (parcial ou integral) são definidos no momento da aplicação, e podem ser de vários meses, o que as tornam opções, geralmente, menos líquidas.



Ações

O exemplo clássico de renda variável são as ações. Em termos simples, as ações são pequenos pedaços da propriedade de uma empresa que tenha aberto seu capital (colocado à venda uma parte sua) na Bolsa de Valores. Quando você adquire uma ação, você está comprando um pedacinho do direito ao recebimento dos lucros de determinada empresa – você passa a ser um dos donos da empresa. Ao final do exercício, ou seja, no final do ano, os lucros (se existirem) das empresas de capital aberto são distribuídos aos seus acionistas. São os chamados dividendos. Existem diversas formas pelas quais os investidores podem operar com ações. Uma opção é comprar uma ação esperando que a empresa em questão vá crescer e gerar bons resultados ao longo do tempo, o que gera ganhos para o investidor por meio dos dividendos. Outra estratégia é comprar uma ação esperando que seu preço vá aumentar no futuro próximo. Neste caso, o investidor rapidamente vende as ações compradas e seu ganho está na diferença entre o preço de venda e o preço de compra.

Como ficou subentendido, as ações possuem boa liquidez, porque podem ser compradas e vendidas diariamente (dias úteis). Contudo, como é um investimento de renda variável e seu retorno é absolutamente desconhecido, nem sempre é fácil vender as ações quando desejado, o que prescreve, caso aconteça, uma situação em que o preço da ação está desvalorizando rapidamente. As ações podem, então, ter alto retorno e alta liquidez, mas à custa de um alto risco: a incerteza sobre o futuro (mesmo o dia de amanhã é incerto).

Os valores aplicados em ações não são garantidos pelo FGC ou FGCoop, e estão sujeitos a tributação, como a já vista corretagem, além de Imposto de Renda sobre o rendimento – de 15%, ou 20%, caso a operação de compra e venda seja feita no mesmo dia.



De olho no futuro

Os investimentos são uma das possibilidades do indivíduo poupador receber prêmios e benefícios por sua vida financeira saudável. Entretanto, mais do que isso, os investimentos são extremamente valiosos quando pensamos no nosso futuro, em particular, na aposentadoria.

A expectativa de vida do brasileiro passa dos 75 anos de idade, e as projeções indicam que no ano de 2040 ela terá passado dos 80 anos de idade. Isso significa que a tendência é que vivamos por cada vez mais tempo. Por um lado, a notícia é ótima, pois teremos mais tempo com nossa família e amigos e mais espaço para realizarmos nossos sonhos. Por outro, a notícia é preocupante, visto que conforme a expectativa de vida aumenta, teremos que ter mais recursos disponíveis para manter nossa qualidade de vida quando sairmos do mercado de trabalho.

Então, os investimentos, principalmente os de longo prazo, são fundamentais para garantirmos uma vida mais tranquila no futuro. Se na atualidade você já conseguiu se tornar um poupador, parabéns, este é o primeiro passo para atingir um bom equilíbrio financeiro. Contudo, não pare por aí. Aproveitando o interesse em entrar no mundo dos investimentos, pare e pense sobre como será sua vida daqui a 20, 40 ou 60 anos. Podemos direcionar nossos investimentos para realizações de prazo mais curto, como uma grande viagem daqui a 2 anos; mas podemos também direcionar parte dos nossos recursos a aplicações de duração mais longa, com prazos que chegam a 40 anos. Esse rol de possibilidades é um incentivo a que você, investidor, comece desde já a pensar também sobre sua condição financeira no futuro.



Inflação

Você sabe o que é INFLAÇÃO?

As pessoas associam, regularmente, qualquer tipo de alta no preço de produtos com o termo inflação, como quem diz, por exemplo, que o preço do tomate ou da melancia subiu demais. De fato, é correto falar que o preço desses produtos subiu, mas não podemos chamar isto de inflação.

INFLAÇÃO É A ALTA GENERALIZADA DOS PREÇOS

Não basta apenas o tomate e a melancia estarem mais caros; outra gama de produtos presentes no supermercado precisa também estar aumentando para que isso sinalize que a inflação está subindo. A inflação não abarca apenas o setor de alimentos, mas os preços da economia como um todo. Quando estamos falando de inflação, queremos saber o quanto os preços de bens e serviços no país estão aumentando.

Como comentado, o índice oficial para a inflação no Brasil é o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Sempre que você ouvir falar de IPCA, saiba que estão falando sobre o nível de inflação oficial do país. Mas por que esse adendo sobre inflação?

É fundamental para qualquer um que queira investir saber que o rendimento de suas aplicações financeiras deve sempre estar acima do patamar de inflação no período.

Qual o motivo dessa preocupação?

Vamos supor que você recebeu aumento de R\$500,00 no seu salário em janeiro. Animado, você resolveu que toda essa quantia seria destinada para gastos com supermercado. E assim você prosseguiu ao longo do

ano, sempre comprando a mesma lista de produtos, gastando R\$500,00 ao mês no supermercado. Quando chegou janeiro do ano seguinte, você assistiu ao noticiário e viu que a inflação anual acumulada foi de 10%. Isso significa que o preço dos bens e serviços subiram, em média, 10% nesse período. Agora, caso você decida ir ao mercado em janeiro do ano seguinte comprar os produtos da sua lista, seus R\$500,00 serão insuficientes para obtê-los. Nesse caso, você precisaria de R\$550,00 para comprar exatamente a mesma cesta de bens do ano anterior, porque todos eles estão, em média, 10% mais caros. Os seus R\$500,00 do ano seguinte só compram R\$450,00 da lista de produtos do ano anterior.

É assim que a inflação afeta nossas vidas. Perceba que os R\$500,00 a mais perderam valor real de comprar produtos de um ano para o outro. Isso significa dizer que o seu dinheiro perdeu poder de compra. A preocupação número um de qualquer investidor é sempre garantir o seu poder de compra e receber retornos reais ao fim do prazo de suas aplicações. O retorno real é o retorno que o seu investimento gerou diminuído da inflação durante o período. Uma parte do rendimento serviu para o deixar “na mesma”, ou seja, garantiu seu poder de compra ao render pelo menos o mesmo percentual que a inflação do período; já a outra parte foi, de fato, o seu ganho real com sua opção de investimento.

Retorno real =
Rendimento líquido – inflação do período





Vejamos agora como a falta de conhecimento sobre a inflação pode afetar negativamente nossa vida, até quando somos investidores:

Vamos supor o seguinte cenário:

novamente, inflação com fechamento anual de 10%. Agora, imagine que você é um investidor que só conhece a alternativa da caderneta de poupança para efetuar uma aplicação financeira – como vimos, ela rende em média 6% ao ano. Em janeiro, você aplicou R\$1.000,00 na caderneta de poupança e lá o deixou até janeiro do ano seguinte. Quando você foi checar sua rentabilidade no período, seu dinheiro aplicado rendeu os 6% prometidos, e você ficou com o montante final de R\$1.060,00 – o rendimento de R\$60,00 é líquido, porque a poupança não é tributada, lembra?

Contudo, a inflação do período foi de aproximadamente 10%! Então, no final das contas, você não obteve ganhos reais! O seu dinheiro rendeu, mas esse rendimento foi insuficiente para garantir o poder de compra dos seus R\$1.000,00 investidos. Você obteve um retorno real negativo: $6\% - 10\% = -4\%$.

Evidentemente, caso você não tivesse feito absolutamente nada com os R\$1.000,00, a situação seria ainda pior. Entretanto, e novamente, os investimentos precisam, necessariamente, garantir o nosso poder de compra.

Fique atento!

E então chegamos ao final.

Nesta cartilha, você aprendeu sobre os pilares básicos de Educação Financeira, e ainda recebeu um pontapé inicial para entrar no mundo dos investimentos. O Instituto Sicoob agradece pela sua participação e engajamento na leitura deste material. Acreditamos que por meio da educação e de acesso a conhecimentos e práticas cidadãs, é possível mudarmos nossa forma de ver a vida e de conviver em comunidade.

O Instituto Sicoob é a responsabilidade social do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob). Cooperativas de crédito são instituições financeiras que funcionam de forma análoga a bancos comerciais. Assim como estes, as cooperativas podem prover serviços financeiros, como conta corrente e conta poupança, emissão de cartões de débito e crédito, acesso a cheque especial, concessão de empréstimos e financiamentos, captação de recursos via títulos privados (vimos o RDC, LCI e LCA), etc.

Entretanto, as cooperativas de crédito não funcionam como bancos comerciais e nem operam com a mesma finalidade. Em linha com os princípios do cooperativismo, vistos no início do material, as cooperativas de crédito se diferenciam em alguns pontos dos bancos comerciais, como pode ser observado na tabela ao lado.



**OBSERVE.
PENSE.
COMPARTILHE.**

Vamos juntos!



COOPERATIVAS DE CRÉDITO

- Sociedade de Pessoas

- Os usuários são os próprios donos (cooperados)

- Comprometidos com a comunidade onde atuam

- Sem restrições, fortes atuantes em comunidades remotas

- Como donos, os próprios cooperados deliberam em assembleias sobre os administradores, todos com direito a 1 voto, independente de quanto dinheiro movimentem

- O lucro está fora de seu objeto, seja pela sua natureza ou legalmente

- Em caso de excedente (resultado positivo, sobras financeiras), este é distribuído entre todos os cooperados, proporcionalmente às suas operações individuais



BANCOS

- Sociedade de Capital

- Os usuários são apenas clientes (correntistas)

- Desvinculados da comunidade e do público-alvo

- Sem restrições, priorizam o atendimento em massa nos grandes centros

- Possuem donos e/ou acionistas que deliberam sobre a administração da Instituição Financeira

- Visam ao lucro por excelência

- Resultado (lucro) vai para a mão dos donos e/ou acionistas

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE. As leis, a publicidade e as crianças – O que é preciso saber. O que dá pra fazer. Disponível em: www.abap.com.br/pdfs/03-leis.pdf

BRASIL, Estratégia Nacional de Educação Financeira. Brasília, 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais (Conteúdo Básico). Brasília, 2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL & SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO. Gestão de Finanças Pessoais – caderno do aluno. Brasília, 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL & SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO. Gestão de Finanças Pessoais – livro do facilitador. Brasília, 2016.

CARPENA, Fenella; COLE, Shawn; SHAPIRO, Jeremy; ZIA, Bilal. The Abcs of Financial Education: Experimental Evidence on Attitudes, Behavior, and Cognitive Biases. World Bank Policy Research Working Paper Nº 7413, 2015.

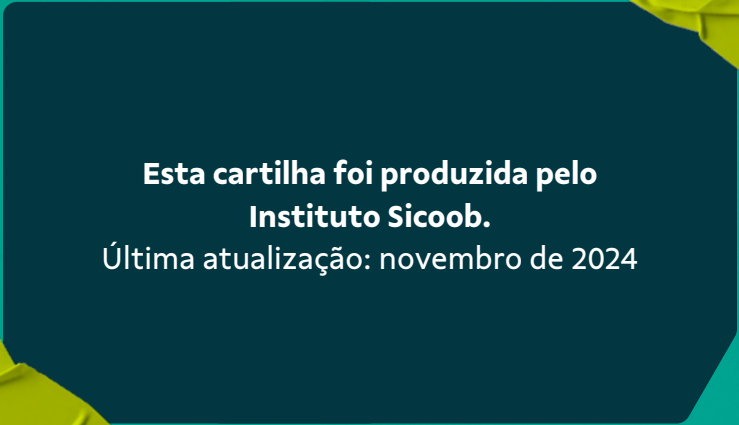
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO FAZENDÁRIA. Curso do Tesouro Direto – Módulos 1, 2 e 3.
Disponível em <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/-/curso-do-tesouro-direto>

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Projeto Educação Financeira – Saúde Financeira não tem Preço! Brasília, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000/2060. Rio de Janeiro, 2013.

LUND, Myrian. Educação Financeira para Jovens – Caderno do aluno (Se Liga Finanças). Rio de Janeiro, 2017.

MEINEN, Ênio & PORT, Márcio. Cooperativismo Financeiro: percursos históricos, perspectivas e desafios. Ed. Confebras, Brasília, 2014.



**Esta cartilha foi produzida pelo
Instituto Sicoob.**
Última atualização: novembro de 2024

WWW.INSTITUTOSICOOB.ORG.BR